

MÃE DOCA

F. R. Castelo Branco

Muitos a conheciam assim. O seu nome? Pouco importava, a não ser ao registro civil das pessoas físicas e aos seus pais que o escolheram. O fato é que, na expressão simples e carinhosa de Mãe Doca ou simplesmente Doca, escondia-se a figura humilde de quem escrevera na prática do quotidiano o próprio evangelho de Jesus em atos e pensamentos. Daquele semblante jovem, quase sem rugas a despeito dos seus 60 anos de idade, irradiava-se um magnetismo positivo de rara intensidade. O olhar cansado pelas visões amarguradas dos quadros da vida na tristeza dos outros, impunha confiança e encerrava agradável brandura. A quem se acercava dela sentia vontade de beijá-la, abraçá-la, ouvi-la e esquecer as horas para desfrutar de sua presença iluminada, por longo tempo. Exemplo raro de médium, de espírita-cristã, de ser humano, de servidora fiel de Jesus, trabalhava cerca de 20 horas diárias, sem direito a férias e descanso nos fins de semana. Dormia pouco, para aproveitar o tempo na preparação de flores artificiais, tarefa que realizava com rara habilidade e como eximia artífice. Antes de ser um trabalho rotineiro, era uma espécie de sacerdócio, ao qual ela se dedicava com todo ardor. O fruto da venda daquelas flores iria se transformar em alimentos e agasalhos para mais de 300 crianças, catalogadas no “Centro Espírita Casa Branca do Caminho”, iniciado no bairro da Mooca e depois transferido para a sede própria, na Vila Mafalda, à Rua Nossa Senhora dos Anjos, 699, com excelente área construída, inúmeras dependências de atendimento, ótimo salão de som, assistência social e espiritual diárias, médiuns responsáveis e dirigentes cômicos de seus deveres na seara do Mestre.

Durante os anos que convivemos mais de perto com a nossa querida “Mãe Doca” jamais ouvimos referência as suas inúmeras enfermidades (mais de 14) desde a angina pectoris e o enfarte do miocárdio à flebite e o enorme fibroma que desafiava os cirurgiões desencorajando-os a extirpá-lo. O assunto que compunha sua pauta permanente era a dar dos seus semelhantes, o amor que distribuía em grandes doses aos que a procuravam, o respeito incontestemente a

Doutrina Espirita e aos nobres amigos espirituais, a fé inabalável em Jesus e em Deus, a ânsia da constante aprendizagem nas exposições evangélicas ou nas conversas em particular com os estudiosos da doutrina dos Espíritos. Era portadora de uma mediunidade eclética: incorporação, vidência, transporte, clarividência, auditiva, efeitos físicos e etc. No campo da desobsessão, seu interesse aumentava e seu trabalho era de grande eficácia. Sempre recusou cargos diretivos na instituição onde servia como simples médium, embora fosse ouvida em todas as ocasiões pela diretoria daquela casa, antes de qualquer deliberação importante ou não, mesmo considerando a segura e inteligente atuação de seu Presidente, nosso muito querido amigo desencarnado Flávio de Souza Franco, irmão do confrade presidente do conselho deliberativo da F.E.E.S.P. Sr. Ruy de Souza Franco. A “Mãe Doca” fora sempre tão respeitada pelos mais consagrados médiuns do Brasil, que recebia deles, com frequência recados para vê-la e abraçá-la, em suas visitas à Capital de São Paulo. A todos que conhecia tratava de “meus filhos e estes institivamente de “Mãe Doca”. Certa ocasião visitávamos o Centro Espirita “Caminho da Redenção”, em Salvador-Bahia, do nosso irmão Divaldo Franco, o qual, após a palestra que proferira ali, disse-nos comovido: Castelo sabe quem estava ao meu lado? A nossa querida “Doca”. Ela está tão bem na espiritualidade. Ao seu lado estava um senhor alto, gordo e de rosto largo que notando que eu não o conhecia disse-me: Eu sou irmão do Rui. E então, eu respondi: como você pode ser irmão do Rui se é tão diferente dele? Mas ele completou sem perda de tempo. É, mas sou irmão do Rui... Então eu informei ao Divaldo que de fato tratava-se do Flávio, presidente do Centro onde trabalhava a “Mãe Doca” e que era irmão do nosso confrade Rui de Souza Franco. Ao regressar a São Paulo telefonamos ao Rui, informando-lhe do fato, em primeira mão, alegramo-nos em saber que ambos estão muito bem na espiritualidade maior. **Teríamos muito ainda a falar sobre a vida exemplar e santificante da querida “Mãe Doca” sem ferir à sua humildade e sem quebrar o sigilo de suas confidências, mesmo de Espírito iluminado que é “Mãe Doca” nossa querida! Que Jesus nos permita divisar tua presença espiritual em todos os instantes de nossas vidas. Que encontremos em todas as rosas distribuídas pelo caminho que palmilhamos a presença viva de teu exemplo**

lembrando-nos das rosas criadas por tuas mãos abençoadas, na sementeira do bem. Que ao sentirmos frio, recorremos os cobertores que eram ofertados por ti, às crianças frágeis que precisavam se aquecer. Que ao alimentar-nos, sintamos a tua presença na distribuição do alimento aos estômagos vazios das crianças que te buscavam. Que aos vermos as mães pobres espalhadas pelo mundo, sintamos a alegria de tê-la eternamente como nossa inesquecível e querida “Mãe Doca”, a estender suas mãos para amparar-nos, a orar a Jesus com teu imenso amor, pelos teus filhos que ainda perambulam pela Terra, encorajando-nos a seguir teu exemplo de verdadeira espírita e corajosa servidora de Jesus.